

IMPLICAÇÕES ENTRE IDOSO, FAMÍLIA E INSTITUIÇÃO NO LAR DA PROVIDÊNCIA: PERSPECTIVAS DE UM LIVRO-REPORTAGEM

FIMPLICATIONS BETWEEN ELDERLY, FAMILY AND INSTITUTION IN THE LAR DA PROVIDÊNCIA (HOME PROVIDENCE): PERSPECTIVES OF A BOOK-REPORT

Jorge Arlan de Oliveira Pereira 1
Lucineide Alves dos Santos 2
Kelly Souza Freitas 3

Resumo: O presente estudo se propõe a compreender a história de vida dos idosos do Lar da Providência, sediado na cidade de Aragarças-GO. Mostra como é viver nessa instituição, na visão principalmente de seus moradores. Contempla também todos os que convivem com os idosos: funcionários, colaboradores, visitantes e as Irmãs que coordenam o local. O Lar da Providência, uma Instituição de Longa Permanência (IPLI), pode ser considerada o retrato pontual de um Brasil que envelheceu, último refúgio e salvação de muitos. Neste espaço, entrecruzam-se inúmeros dilemas e conflitos que resultam de uma cultura histórica. Apesar da instituição cultivar humanismo elevado, os idosos não compreendem bem porque se encontram ali e prevalece a sensação de que foram abandonados pelas pessoas a quem mais dedicaram afeto, os componentes de seus núcleos familiares. Sucumbem, portanto, aos valores predominantes, da rapidez e do descartável, que não reconhecem o lugar social do velho.

Palavras-chave: Idosos. Instituição. Família. Sociedade. Jornalismo.

Abstract: This study aims to understand the life history of the elderly from Lar da Providência (Providence Home) based in the city of Aragarças-GO (Brazil). It shows how it is to live in this Institution, mainly in its residents perspectives. It also includes all those who live with the elderly: employees, collaborators, visitors and the Sisters who coordinate the place. Lar da Providência, a Long-Term Stay Institution for Elderly (LTSIE), can be considered the punctual portrait of an aged Brazil, the last refuge and salvation of many. This place intersects countless dilemmas and conflicts resulted of a historical culture. Despite the elevated humanism cultivated by the institution, the elderly do not understand well why they are there and the prevailing feeling is that they were abandoned by the people to whom they most dedicated affection to, the components of their family nucleus. Therefore, they succumb to the predominant values, speed and disposability, which do not recognize the social place of the old man.

Keywords: Elderly. Institution. Family. Society Journalism.

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4801621884390446>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3963-2139>. E-mail: jorgearlan.op@gmail.com

Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1225227377485436>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6084-9722>. E-mail: lindorella2015@gmail.com

Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800523505575910>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2494-210X>. E-mail: kellyjornalismoufnt@gmail.com

Introdução

Institucionalização do idoso, envelhecimento e exclusão social, são assuntos ainda estranhos ao cotidiano das pessoas, mas de elevada relevância, devido às suas mais diferentes implicações. Afinal, o que é envelhecer? Uma indagação pouco ou mal expressa. A tentativa de respondê-la permite ao jornalista exercer o papel, amparado em seus princípios profissionais, de legítimo mediador social.

A velhice precisa ser compreendida de forma ampla e um dos modos mais autênticos de fazê-lo é conhecer histórias de vida de idosos, com grande consideração às suas experiências e perspectivas. Como o envelhecimento constitui situação real e não mera abstração, é necessário que os diferentes segmentos sociais o percebam, sem distrações ou pretextos, para darem respostas aos problemas atuais e futuros que decorrem desse quadro.

Envelhecer com dignidade, no Brasil, é desafio de muitos e privilégio de poucos. Até recentemente não era motivo de preocupação, mas com o aumento da expectativa de vida nas últimas décadas, torna-se questão concreta e de alta complexidade. O fenômeno natural da longevidade encontra uma sociedade despreparada para lidar com ele. O fato provoca indignação, se visto a partir de um olhar sobre a realidade das instituições de longa permanência para idoso, cenário do livro-reportagem de que tratamos.

Encontrar caminhos de oferecer a todos uma velhice tranquila passa ainda longe da realidade brasileira. Permanece isso no campo dos sonhos. Tratar dos dramas da terceira idade, com sensibilidade e eficácia, não é tarefa simples, porque envolve fatores de ordem diversas, como a cultura social, as políticas públicas, na combinação com ações comunitárias de assistência, além dos interesses e conflitos individuais.

Com as transformações sociais e as correspondentes mudanças nos costumes, as instituições passaram a ser procuradas, de modo crescente, como os lugares para abrigarem os idosos, prática cada vez mais comum. A falta de tempo das pessoas e o distanciamento familiar agravam o quadro, tendo como consequência a superlotação das instituições.

As famílias, assim, por inúmeros fatores, buscam caminhos alternativos para tratarem dos seus idosos, um comportamento preocupante. Além do idoso enfrentar problemas no setor previdenciário, na saúde, rumando para uma precarização do sistema público, precisa enfrentar a solidão e a carência do afeto familiar, entre outras situações.

Como sobreviver a tantos dissabores? Como ser um idoso feliz? Não há uma fórmula. O Estatuto do Idoso dá sinais nesse sentido, ao ser criado para garantir os direitos das pessoas na terceira idade, ou seja, a partir dos sessenta anos. Pretende assegurar que os idosos sejam respeitados e cuidados por suas famílias. Entretanto, a Justiça não pode obrigar que isso aconteça. É desumana a forma como alguns familiares tratam os seus velhos.

Por esta razão, ao propormos a temática ao livro-reportagem, não sabemos ao certo no que isso pode ajudar, porém acreditamos que tornar pública a situação em que vivem os idosos numa instituição contribui ao esclarecimento, condição para a consciência e possíveis ações de todas as partes envolvidas e com algum grau de responsabilidade na questão.

Determinadas famílias optam por colocar seus idosos em uma instituição, sem que esses tenham o direito de escolha. Nossa intenção, então, foi ingressar no universo institucionalizado, a fim de compreender como eles se sentem. Quais são os efeitos dessa transição e o impacto que sofrem? Consideramos que seria importante, antes da internação, avaliar a necessidade de uma preparação psicológica que os tornassem mais aptos.

Por se encontrarem fragilizados pela idade, esse processo torna os idosos ainda mais vulneráveis, muitas vezes sem condições emocionais para se situarem na nova realidade. O primeiro passo deveria ser exatamente permitir que eles compreendam as razões de irem para aquele local. No entanto, a grande maioria das famílias dos idosos do Lar da Providência deixa subentendido que isso não é uma prioridade, uma vez que o acompanhamento familiar, no ambiente institucional, constitui exceção.

Neste cenário, cresce a relevância da presença das instituições de longa permanência e, simultaneamente, os problemas que passam a enfrentar. Aumentou o número de instituições filantrópicas organizadas pela sociedade civil, normalmente de caráter confessional ou comunitário. Decorre do fato de o país quase não dispor de instituições públicas para acolher

os velhinhos.

O Lar da Divina Providência Irmãs Beneditinas compõe o quadro das inúmeras instituições filantrópicas, confessionais, espalhadas pelo Brasil. Chegou à Aragarças-GO no ano de 1988, fundada pelo Padre holandês Johnnes Alexandre Tobbem, já falecido, mais conhecido pela comunidade como padre Vicente. O Lar não dispõe das condições mais adequadas para cumprir sua missão e luta arduamente no sentido de zelar pela vida dos idosos. Apesar das instalações comportarem somente 45 internos, a instituição atende hoje aproximadamente 70 idosos. Sobrevive de donativos e de um percentual do benefício da aposentadoria dos idosos que abriga.

O Lar da Providência acaba desempenhando papel decisivo no arranjo social da região. E, ao concentrar tamanha complexidade num espaço restrito, oferece material informativo para que o jornalismo explicita e procure compreender a questão, na tentativa de levar o leitor a refletir sobre essa realidade.

O Jornalismo Literário, uma das formas de expressão do Jornalismo, pretende apresentar os assuntos com mais sensibilidade e olhar humanizado. Possibilitou, neste caso, vivenciar a realidade dos idosos institucionalizados, a partir das histórias contadas por eles. Proporcionou uma observação, através de relatos reais, conhecer pessoas que, de certo modo, perderam sua identidade social e passaram a viver no anonimato do internamento.

O papel fundamental aqui é dar voz aos personagens, tornando público um enredo, triste e solitário, capaz de sensibilizar a sociedade. Parece-nos nítido que há no ar uma falta de civildade social, cujo ônus recai sobre todos, mas, especialmente, nos velhinhos que, sem notoriedade, são esquecidos.

Um repensar a respeito da condição do idoso poderia iniciar por um simples questionamento, dirigido a nós mesmos: como queremos envelhecer? Considerando que não estejamos preparados, é evidente que envelhecer se torna um problema individual e, no somatório dessas individualidades, chegamos a um drama social.

Poder ouvir os idosos e deixá-los contar suas vidas, a se descortinarem parcialmente nas páginas do livro, significa garantir um pouco da liberdade, perdida, de eles se manifestarem. Seus sentimentos expressos podem exercer a dupla função de, por um lado, permitir que falem e, por outro, provocar a sociedade para que os escutem.

Esta necessária comunicação, fruto da interação e da empatia com o outro, pode representar o impulso inicial para a busca de respostas de pauta tão complexa. A pauta jornalística não deveria se omitir. Deveria garantir a liberdade de os idosos expressarem seus sentimentos, relevante para a sociedade conhecer uma realidade escondida nos rostos aqui representados.

O livro-reportagem que nos desafiamos a produzir têm em mente uma nova perspectiva para a vida institucionalizada, suas razões de ser e as implicações abrangentes. Os diferentes ângulos da instituição, os relatos dos idosos, suas relações internas e externas, incluindo os poderes públicos, oferecem elementos informativos e humanos para se pensar a questão com mais pertinência. A partir de circunstâncias locais, uma realidade a se desfiar diante de nossos olhos.

Como recursos de linguagem, a narrativa passeia entre o tom eminentemente informativo e o tom que se aproxima do literário, sustentado na observação e na interpretação. Também assume ares opinativos, ao se posicionar diante dos dilemas que as histórias vão revelando. Faz ainda um movimento entre a posição um tanto que distanciada e a relação intimista. O instrumento jornalístico mais importante, no processo de obter as informações, foi o da entrevista.

Retrato pontual do Brasil

Atribuímos inteiro sentido à afirmação de que, se uma pessoa quiser encantar o mundo, deve cantar e contar sobre sua aldeia. O Jornalismo, sustentado nos seus princípios de revelar a diversidade social, através de acontecimentos marcados pelas características do singular, do particular e do universal, tem o compromisso de buscar informações relevantes onde, aparentemente, quase nada haveria de importante para dizer. O livro-reportagem identificou no espaço do Lar da Providência a simplicidade das coisas mais comuns e, ao mesmo tempo, a com-

plexidade de relações e valores que remetem para perguntas não bem respondidas no mundo.

Desta forma, para falar da vida no Lar da Providência, sem correr riscos de apresentá-lo como um lugar isolado, foi pertinente nos referirmos a dados de um contexto maior. Assim, assinalamos que o Brasil está envelhecendo. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 2018)¹, a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017.

Dados do Censo Demográfico² mostram que, a partir de 2035, a população brasileira deve atingir a marca de 214 milhões de habitantes e parar de crescer. Com exceção de um segmento, os maiores de 45 anos. Depois de 2045, enquanto a população brasileira diminui, o único setor que crescerá é o de maiores de 50 anos.

O livro-reportagem foi resultado de frequentes contatos, durante um ano, de dezembro de 2018 a dezembro de 2019, com o cotidiano do Lar da Providência. A estrutura, o funcionamento, as relações, olhares e perspectivas na instituição se tornaram objeto de nossa atenção, lugar em que identificamos o enredo de muitas histórias, particularmente de alguns, que se tornaram os personagens de nossa narrativa.

Ao longo desse percurso, foi possível vivenciar a realidade dos idosos institucionalizados ao ingressar um pouco nos encontros e desencontros de suas vidas. Proporcionou-nos observações e relatos de pessoas reais que, por motivos pouco precisos, perderam sua identidade social para viver quase no anonimato de uma instituição.

Nossa percepção e lógica jornalística nos aproximaram dos personagens de um enredo seguidamente triste e solitário. Foi refletindo sobre isso que decidimos produzir um livro-reportagem interessado em tornar públicas as histórias dos idosos numa instituição de longa permanência, antigamente chamada pejorativamente de asilo. Reconhecendo a importância da instituição, lançamos nosso olhar sobre sua realidade. Determinadas passagens assumem a narrativa do Jornalismo Literário, que nos possibilita tratar os fatos com sensibilidade, sem descuidar do valor da informação objetiva, levando a proposta de um jornalismo mais humanizado ao público.

A inspiração pelo tema veio através de leituras e relatos de idosos que vivem em sociedade, mas que, no entanto, são tomados por sentimento de solidão. Lembra o paradoxo do homem só em meio à multidão. A sensação de solidão pareceu-nos que vem de uma carência de civilidade de tudo que se encontra em volta deles. O valor ao idoso passou a ser ignorado, no ritmo frenético das mudanças sociais, a ponto de não ser apenas por parte das pessoas distantes, mas, inclusive, dos próprios familiares.

A falta de atenção e de carinho é o ponto central, porém entra em jogo o despreparo e a falta de condições para estes se dedicarem adequadamente aos seus idosos. Ou seja, há de tudo um pouco. Nada disso pode ser explicado facilmente. E talvez nem tenhamos respostas convincentes por enquanto.

Nossa intenção, por meio da produção jornalística, foi contribuir para uma autoavaliação de todos os segmentos, incluindo a imprensa e os poderes constituídos, a respeito da condição social do idoso. Estamos preparados para sermos idosos e para tratarmos das questões fundamentais dos idosos em um mundo em que envelhecer é um problema?

Reconhecendo o importante papel do Lar da Providência, uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), buscamos dar visibilidade a relatos, entrevistas e depoimentos de pessoas direta ou indiretamente envolvidas no cotidiano daquele espaço. A intenção é ser um revelar atento aos olhares e perspectivas presentes nos encontros de vida que ali se estabelecem. Como os idosos vivem, o que pensam os profissionais, os voluntários, o poder público e as Irmãs dirigentes constituem nossa preocupação. É o problema a ser explicitado e discutido neste trabalho, dando voz aos personagens cujas inquietudes e esperanças vão se espalhando

1 Os dados podem ser conferidos na publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referente à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD Contínua Mercado de Trabalho Brasileiro 2º trimestre de 2018, 16 de agosto de 2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/81c9b2749a7b8e5b67f9a7361f839a3d.pdf. Acesso em: 13 mai. 2020.

2 Dados do Censo Demográfico do IBGE Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 13 mai. 2020.

pelos páginas deste livro-reportagem.

Acreditamos que o trabalho seja relevante na medida em que nos permite compreender o porquê de as famílias abandonarem os seus pais, avós ou outro parente em instituições de longa permanência, quando estes estão velhos. O trabalho constata que são raros os casos de familiares que visitam seu idoso na instituição. Ao final do livro-reportagem, percorrendo as páginas da introdução à conclusão, o leitor poderá perceber que são diversos os fatores que levam um idoso a viver na instituição, como a falta de condições dos familiares (tempo e finanças), maus-tratos, abandono puro ou porque nenhum familiar quer ter responsabilidade pela situação.

Motivações e observações determinantes

Naquilo que podemos chamar de percurso metodológico efetivo, nosso primeiro passo foi definir um tema, algo muito discutido e que, ao final, depois da análise de diversas possibilidades, tomou corpo quando nos deparamos com uma história em *site* da entidade Aleteia³. Trata-se da carta de um idoso institucionalizado, só encontrada depois da morte dele. Foi escrita pelo Sr. Mark Filiser, conhecido como o velhinho lunático⁴ na instituição onde morava, na qual se referia à trajetória de vida, desde a juventude até chegar à velhice. Nela, Filiser, relata a dor de ser tratado como um velho inútil à sociedade, quando, por dentro, ele se sentia um jovem. Ele faz um alerta de que eternidade não existe e que todos devem abrir os olhos para enxergar isso.

O contato com o lugar da pesquisa foi também metodologicamente importante para fortalecer vínculos com a proposta de estudo. Em relação ao ambiente físico, a instituição é um pouco afastada, cenário que criou uma atmosfera especial para nossas observações. É rodeada de árvores. Logo na entrada vemos uma capela, onde são celebradas as missas das quintas-feiras de manhã. Atrás da capela situa-se o alojamento das Irmãs Naiara, Plácida e Rodolfa. No primeiro pavilhão fica a cozinha que está em reforma e o escritório administrativo, além de um banheiro para os visitantes. Nos fundos do terreno, uma área onde os funcionários guardam as motos e bicicletas.

Os quartos estão distribuídos em quatro blocos: 1) São João Batista; 2) Padre Vicente; 3) Maria e Giustina; 4) Mãe da Divina Providência. Ao todo, são 44 quartos com seus respectivos banheiros. Na lateral do último bloco dos quartos, tem um gramado, com três bancos em meio a muitas árvores. Esse local é frequentado por idosos, a fim de descansarem nas sombras, conversarem e tomarem o banho de sol da manhã.

Nos fundos, depois dos quartos ficam os animais da instituição. No canto esquerdo se tem um canil pequeno, com duas casinhas e apenas um cachorro de pelo branco e amarelo. Na instituição, há dois gatos e um galinheiro bem amplo, com uma casa antiga cheia de coisas velhas, além de muitas árvores frutíferas: caju, goiaba, limão e manga. As instalações estão dotadas de várias canaletas para facilitar os processos de limpeza. No horário de cada refeição, a Irmã diretora toca um sinal para avisar os horários do café da manhã (7:00 às 8:30), do almoço (10:00 às 11:00), o horário para os que não conseguem se alimentar sozinhos e precisam de ajuda (10:00), o lanche (14:00) e o jantar (16:00 às 17:00).

A maioria dos idosos consegue comer por conta própria e se reúne no refeitório, onde as cuidadoras servem a comida. Neste refeitório, há onze mesas e cadeiras para acomodar a todos. As regras da instituição são seguidas à risca. As Irmãs também as cumprem, incluindo seus horários próprios de oração e de recolhimento. A religiosidade move o lugar.

Fazemos aqui a descrição do ambiente físico da instituição, porque, na nossa proposta de narrativa, cada canto, objeto ou situação diz algo que nos ajuda a compreender esse local em que pessoas, afastadas de suas casas originais, estabelecem relações entre si. E, assim, organizam suas lógicas diárias de vida e buscam oferecer para elas próprias um segundo lar.

3 Aleteia (aleteia.org) é uma publicação online de informação e formação, em 8 idiomas (português, inglês, francês, espanhol, italiano, árabe, polonês e esloveno). O site Aleteia oferece uma visão cristã do mundo, com notícias laicas e religiosas.

4 A carta do sr. Mark Filiser, "o velhinho lunático". Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2016/11/10/carta-deixada-idoso-em-um-asilo-mudara-o-seu-o-ponto-de-vista-sobre-a-vida/>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Conceito: o processo de envelhecimento

As características do presente artigo solicitam conceituações a respeito das duas maiores questões que constituem o produto jornalístico, quer seja a temática investigada e o livro-reportagem enquanto formato noticioso. A fundamentação teórica busca esclarecer, assim, o fenômeno social em observação, relacionado à condição social do idoso, bem como o processo jornalístico adotado e suas estratégias narrativas.

Em relação à primeira questão, assinalamos que hoje, no Brasil, é considerada idosa uma pessoa a partir dos 60 anos e os estereótipos referentes a elas são variados, de acordo com Lahud (2004). As palavras “velho”, “idoso”, “terceira idade” e outras, embora relacionadas a processos biológicos, são construções sociais e culturais. Todos os indivíduos percorrem um ciclo de vida que passa pela infância, pela idade adulta e pela velhice, tendo significados diversos em distintos grupos sociais.

O autor ainda ressalta que no caso da velhice, esses significados estão relacionados a dois fatos que nem sempre são levados em consideração. Por um lado, não existe “velhos”, tomando-se essa categoria de forma isolada: só têm “velhos” com relação a “jovens”. Por outro, mais que “velhos”, existe um processo de envelhecimento. Isso significa que as pessoas envelhecem de maneiras diferenciadas, relacionadas à sua posição no sistema social e ao caráter da sociedade que vivem.

Percebe-se que a velhice é fenômeno não só físico, biológico psíquico e geriátrico, mas social, cultural e gerontológico, entendido e definido em versões alternadas, tanto pessimistas quanto otimistas, com pensamentos repleto de ideias de morte e de ideias de vida, pulsões a equilibra (LAHUD, 2004, p. 41).

O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, informou que a população brasileira acima de 65 anos era 7,3% do contingente total. Em 2018, foi realizado levantamento estimativo, demonstrando que, até 2060, os idosos irão representar 25,5% do total. O Brasil está envelhecendo de forma acelerada, mas as políticas públicas, que garantiriam uma velhice digna para eles, estão a passos lentos.

Esses idosos, tão desrespeitados por todos e principalmente pelo governo, são os ex-trabalhadores que ajudaram a construir as riquezas do país. Mas hoje, além de não usufruírem seus direitos depois de anos trabalhando, são tratados pelos governantes como causadores do déficit na Previdência Social. O setor passou recentemente por uma reforma que afetou toda a população, principalmente as classes inferiorizadas em termos sociais.

Desse modo, podemos perceber que o processo de envelhecimento da população não se resume ao aspecto demográfico, mas à criação de políticas públicas que garantam uma velhice tranquila aos idosos.

O processo de envelhecimento em nosso país não se dá de modo igual para todos. A velhice, como qualquer etapa do ciclo de vida, é determinada pela inserção de classe social, pelas questões de gênero, raça e etnia. Demarcando experiências de envelhecimento heterogêneas no interior de nossa sociedade. Daí que envelhecer com dignidade não é uma responsabilidade coletiva. Implica não só na criação de políticas públicas como também na garantia de acesso dos idosos a essas políticas (TEREZA; ALCÂNTARA, 2004, p. 13).

Em 1990, foi criada a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8842)⁵, cujo artigo 3º especifica o

⁵ Política Nacional do Idoso (Lei nº 8842). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm. Acesso em: 13 mai. 2020.

dever da família, da sociedade e do Estado de assegurarem os direitos de cidadania dos idosos, garantindo a participação deles na comunidade, com defesa de sua dignidade, bem-estar e do direito à vida. Atualmente os direitos dos idosos estão sintetizados no Estatuto do Idoso, sancionado pela (Lei nº 10.741/03)⁶ no dia 1º de outubro de 2003, pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa lei regulamentou o direito para pessoas com idade a partir de 60 anos (Título I, artigo 1º), que entrou em vigor somente em 2004.

O Estatuto está dividido em sete títulos, com 118 artigos. Os títulos são: Disposições Preliminares, Dos Direitos Fundamentais, Das Medidas de Proteção, Da Política de Atendimento ao Idoso, Do acesso à Justiça, Dos Crimes e Disposições Finais e Transitórias. Contudo, apesar dos direitos previstos aos idosos, não se percebe concretizações substantivas no mesmo sentido. Há ainda uma distância grande entre os preceitos do estatuto e a realidade social, porque o desamparo a este segmento social é visível.

Conceito: o processo do livro-reportagem

A produção do livro-reportagem requer respaldo em conceitos que se orientam pelos caminhos da narrativa e do formato jornalístico, além dos que remetem para maior compreensão da temática em foco, no caso a condição do idoso no Lar da Providência e, por extensão, na sociedade em geral. O formato e o gênero escolhidos dão certa liberdade na hora de escrever, nos quais se permite ingressar na riqueza de detalhes ao relatar histórias que pareceriam simples demais aos olhos de outros.

Um ponto de relevância para ser entendido é a diferença entre jornalismo e jornalismo literário. Segundo Bulhões (2007), o jornalismo se define como uma atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, e busca captar o movimento da própria vida.

Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria – ou desejaria prestar – uma espécie de testemunho do ‘real’, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo (BULHÕES, 2007, p. 11).

Na visão de Bulhões (2007), o jornalismo literário tem uma natureza oposta à do jornalismo, pois se trata de dotar a linguagem verbal de uma dimensão em que ela não é um meio, mas um fim e tomá-la como matéria em si, portadora de potencialidades expressivas.

Na literatura, a linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções. Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta própria da linguagem. Não se trata exatamente de afirmar que não existe mundo fora de experiência da linguagem. Mas de supor que para a realização literária tal mundo só importará se o verbal que o transmite estiver, por assim dizer, transmudado, recriado, destituído de função cotidiana e costumeira (BULHÕES, 2007, p. 12).

Uma reportagem em livro é diferente de uma reportagem para um jornal, mas as regras de conduta do manual do jornalismo são a mesma. De acordo com Eduardo Belo (2006), ela tem claras diferenças em relação ao modelo praticado hoje pela mídia da imprensa brasileira. Em princípio, porém, é apenas uma reportagem passível de empregar exatamente o mesmo padrão técnico e de conduta, como se fosse publicado em qualquer outro meio de informação.

⁶ Estatuto do Idoso. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 13 mai. 2020.

Dessa forma, o livro-reportagem pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer; por sua extensão e pelo trabalho mais apurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-la (BELO, 2006, p. 42).

Escrever um livro-reportagem vai além da notícia superficial, porque temos primeiramente a notícia e depois o aprofundamento da história até chegar à dimensão de livro. Na concepção de Eduardo Belo (2006), um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito tempo. Pede também densidade, análise, conteúdo.

Esses dois fatores estão quase sempre associados à extensão do texto e a capacidade do autor de construí-lo. A edição de um livro exige algumas condições no que se refere à forma e o conteúdo, além de uma linguagem um tanto diferente do jornal ou da televisão. Somado a isso, vale destacar que uma obra precisa ter no mínimo 48 páginas impressas para ser considerado livro no Brasil. Se tiver menos, não é livro. Pode ser livreto, folheto, catálogo ou prospecto.

Já para Felipe Pena, livro-reportagem tem um significado bem mais amplo que fugir dos padrões tradicionais do jornalismo:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente 'embrulhar o peixe na feira' (2008, p. 13).

Em 1960 surgiu um novo modelo de jornalismo: o jornalismo literário, com novas técnicas de captação e redação vindas da literatura. Esse novo estilo deu uma nova roupagem às matérias tradicionais e despertou o interesse dos leitores.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2008, p. 21).

Dessa forma, Pena (2008) define o jornalismo literário como linguagem de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, ocorre uma transformação permanente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas de melodia.

Utilizar a técnica literária no jornalismo, não é só se aprofundar na história. Existe um processo que faz toda a diferença no final da produção de um livro. Segundo Edvaldo Pereira

Lima (2009), exatidão e a precisão são os requisitos para ter êxito no processo. A exatidão se refere ao quão próximo está a história contada pelo jornalista com os fatos em si, e a segunda, que é a precisão, seria a verdade na mediação entre a fonte e o profissional.

Outro ponto importante se dá na hora “contar a história”, porque é um fator pertinente para se criar um bom enredo fiel à realidade. Lima (2008) também fala da “humanização”, lembrando que o jornalista precisa vivenciar os fatos que lhe são contados com empatia e “compreensão”, requisito igualmente a ser observado. E por última se refere à “universalização temática” e ao “estilo próprio e voz autoral”, que trarão legitimidade ao trabalho, pois estará recontando uma história que pode ser conhecida, mas que ganhará uma nova imagem através da filtragem jornalística.

Passos do Lar da Providência

O Lar da Providência é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), que acolhe mais de 70 idosos oriundos da região do Vale do Araguaia: Aragarças/GO, Baliza/GO, Bom Jardim de Goiás/GO, Doverlândia/GO, Jandaia/GO, Barra do Garças/MT, Pontal do Araguaia/MT, Água Boa/MT, Gaúcha do Norte/MT, General Carneiro/MT, Nova Xavantina/MT, Querência/MT, Ribeirãozinho/MT, Torixoréu/MT, Vila Rica/MT, Chapada do Guimarães/MT, Palmas/TO e Criciúma/SC.

O Lar da Divina Providencia Irmãs Beneditinas foi fundado, em agosto de 1988, pelo Padre holandês Johnnes Alexandre Tobben, conhecido pela comunidade como padre Vicente. O local surge para dar um lar àqueles idosos, que não têm para onde ir. Após a morte de Johnnes, as Irmãs Beneditinas passaram a zelar pela vida dos idosos. Apesar das instalações comportarem somente 45 internos, atende atualmente a 71 idosos, quantidade que dificulta ainda mais os acompanhamentos, parte deles especializados, que o Lar precisa oferecer. O quadro se agrava ao se considerar que a instituição depende muito de donativos para sobreviver.

A instituição presta assistência de proteção social de alta complexidade, desenvolvendo o serviço de acolhimento institucional para idosos, com idade acima de 60 anos. Atua colaborando no crescimento das políticas públicas do Brasil e do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Propõe-se a agir para que idosos, em condições de vulnerabilidade, mendicância, violência e abandono, superem a fome e a miséria, melhorem o estado de saúde e bem-estar, com impacto na redução da desigualdade social. Busca oferecer, conforme assinala seu estatuto, um ambiente de respeito, dignidade, amor e de liberdade para aqueles que nele residem.

Como observado, a ILPI em Aragarças começou por iniciativa do padre holandês Johannes Alexander Tobben, mais conhecido como Padre Vicente, que conseguiu a doação de terras devolutas da União, com o apoio da Prefeitura de Barra do Garças, para fazer a terraplanagem e iniciar o seu projeto de construir espaços destinados a atender idosos, crianças e doentes.

Com doações, inclusive de estrangeiros e de senhoras voluntárias que ajudavam na arrecadação de verbas, conseguiu construir, dentro das normas da época, uma casa bem estruturada para atender cerca de 45 idosos, a qual denominou de Lar da Providência. A construção do prédio aconteceu em 1980, mesmo ano em que começou a receber os primeiros idosos, mas foi efetivamente formalizada alguns anos mais tarde.

Produto: visão panorâmica

O livro-reportagem, cujo enredo e texto receberam o título de “Idoso, família e instituição: olhares e perspectivas de vida no Lar da Providência” tem 108 páginas, com cinco capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo mostra as impressões iniciais, captadas na primeira vista ao Lar da Providência, dia em que acontecia a confraternização de Natal dos idosos.

Figura 1. Capa do livro-reportagem



Fonte: acervo dos pesquisadores.

Figura 2. Contracapa do livro-reportagem



Fonte: acervo dos pesquisadores.

O Natal para os idosos é um dia de muita alegria, pois recebem o presente que pediram na campanha adote um idoso, e que finaliza com a festa de confraternização entre idosos, Irmãs, funcionários e pessoa da sociedade em geral. Nesta festa, tivemos oportunidade de conhecer vários idosos e já perceber que alguns deles seriam personagens de nosso livro.

Dentro do segundo capítulo, há várias histórias e temos a oportunidade, nesse ponto, de aprofundar conhecimentos sobre a vida que eles tiveram antes de chegarem ao Lar da Providência. A primeira relata o caminho percorrido pela dona Eva Matos Varanda, 92 anos, cadeirante, que não se conforma por ter sido deixada pelos filhos na instituição.

Logo após, temos as experiências de Rosalina Ribeiro, uma senhora simpática, cujo maior sonho era ter filhos e formar sua família. Rosalina está feliz por morar no Lar da Providência. Outra trajetória de vida que o livro conta é a de Luziano Raimundo de Souza, 67 anos, um metro e setenta e cinco de altura, um senhor alegre, apesar do desejo de querer voltar para a casa da irmã dele.

Além das histórias dos idosos, relatamos outras duas, um tanto incomuns em nossa realidade local, o amor de um homem para com sua mãe, que se encontra institucionalizada. Trata-se de José, filho de dona Luzia, 65 anos. Ele demonstra muita dedicação, todos os dias, ao visitar e cuidar da mãe no Lar.

A segunda se refere ao motivo de Cláudia Fernandes Santos, 47 anos, para colocar seu pai, Sebastião, 67 anos, no Lar da Providência. São passos numa caminhada triste, capaz de sensibilizar o leitor. Já no segundo capítulo, temos o viajante Aurélio Evaristo, 75 anos, nascido

na Bahia, cuja paixão sempre foi “viver no trecho”, ou seja, na estrada.

Também conhecemos um pouco da vida de dona Maria. Viúva há mais de cinquenta anos, ela nos conta como é residir com familiares, sob os cuidados atenciosos do filho, Genésio, e da nora, Iraildes. Trata-se de um caso bem resolvido de filhos que realizaram todos os esforços para cuidar da mãe, em contraponto a várias situações de verdadeiros abandonos de pais idosos em instituições. Para finalizar o segundo capítulo, aparece um trio inseparável de idosos: Chunelayne, Luiza e Bercholina. Simpatia, amor e carinho são as palavras que as definem.

O terceiro capítulo é voltado às pessoas que cuidam dos “vozinhos”, como são chamados no Lar. Relatos de superação de mulheres que dedicam a vida a cuidar de outras pessoas. São as cuidadoras, as enfermeiras e as Irmãs (freiras) do Lar. O quarto capítulo interage com o anterior, pois enfoca mais especificamente o percurso das Irmãs Maíra Suely Martins e Ana Bethe (esta conhecida como Irmã Plácida).

O conteúdo do quinto e do último capítulo resulta de entrevistas que contribuem para o entendimento do contexto vivido pelos idosos atualmente no Brasil: Maria Rosa Bezerra (Assistente Social do CRASS de Aragarças), Lara Naiane Rego (Psicóloga), Lindalva de Fátima Ramos (Defensora pública na Comarca de Barra do Garças).

Ao longo dessa caminhada jornalística, sempre numa intenção narrativa, foi possível ver perto aquilo de que somente se ouvia falar. Não se tinha de fato consciência do quanto a vida daquelas pessoas idosas foi modificada pelo tempo e pelas circunstâncias. Jamais imaginávamos encontrar muitos senhores e senhoras grisalhas de vidas pregressas tão diferentes, de certa forma até opostas, e que, nas marchas e contramarchas, convergiram para o mesmo destino.

O destino foi um lugar, o Lar da Providência Beneditina, em Aragarças-GO. Entender como esse ponto de entrecruzamento afeta suas vidas, e o que sentem nestas condições, se tornou nosso propósito. Houve certamente uma metamorfose, no percurso entre as origens dos idosos e o ambiente que os acolhe agora.

Entender os conflitos e as expectativas dos institucionalizados corporifica um material, conceitual e concreto, que sedimenta as mudanças de atitudes dos mais diferentes segmentos sociais. Seria a adoção de uma linha de pensamento capaz de discutir, com profundidade, o futuro da terceira idade no país, ao retirar desta o rótulo de problema e ressignificá-la como um processo biológico próprio de todos os seres humanos, constituído de virtudes e de potencialidades, assim como ocorre em outras fases da existência.

A narrativa trata de pessoas que, sentadas, esperam diariamente a hora em que seus familiares chegarão para levá-las de volta para casa. Eis aí o sonho que muitos não cansam de acalantar. A cada caminhada pelos corredores, surgiam novas possibilidades de se conhecer os “vozinhos”.

Nos meses seguintes, aconteceriam muitas outras visitas. Por muito tempo, nos dedicamos a observar o entorno, a fim de encontramos um sentido para o escrever, onde o ato não se restringisse à mera formalidade. Ao ouvi-los com atenção, fomos premiados com histórias incríveis. Aparecem, então, alguns nomes que se tornam personagens destacadas. Não significa que outros também não tivessem vidas interessantes para deliciosos relatos, mas vários estão impossibilitados de uma comunicação compreensível, em razão da demência.

Há aqueles ainda que sofrem muito ao contar suas histórias, ao serem tomados por lembranças tristes ou por esperanças irrealizadas até aqui. Ficam perturbados com das repórteres. Seria doloroso demais e o adequado foi não insistir, em respeito às suas dores e sentimentos. Quem falou, porém, proporcionou um frutífero diálogo.

Perspectivas e realidades desviantes

O envelhecimento é conceituado como um processo, natural, no entanto existem circunstâncias que dificultam a passagem das pessoas por essa fase da vida. São as adversidades do dia a dia que as colocam em situações confortáveis ou desconfortáveis. Nesta perspectiva, os idosos colhem as projeções e expectativas que deram certo ou errado em suas existências.

O idoso institucionalizado não consegue lidar com as submissões e as perdas decorrentes da terceira idade. A perspectiva deles foi uma e a realidade é outra. Os fatores determinantes das condições concretizadas remetem não só à esfera individual, mas também à familiar e à social.

Durante o desenvolvimento do livro-reportagem tratou-se de compreender o mundo institucionalizado, a partir das perspectivas dos idosos. A ideia central esteve interessada em perceber as causas e os efeitos de eles viverem neste ambiente, mais especificamente no Lar da Providência. Além de oportunizar a interação entre o internado na instituição e a sociedade, o estudo pretendeu conceder voz aos “vozinhas”, para que se entenda o lugar a partir das perspectivas deles.

Antes de dar continuidade, faz-se necessário um ajuste de entendimento sobre dois termos muito utilizados pelos setores e pessoas presentes na narrativa. São as expressões “melhor idade” e “idoso institucionalizado”. Verifica-se que “melhor idade” foi termo elaborado como contraponto ao termo “terceira idade”, pela compreensão de que este se impregnou de preconceitos e remete ao envelhecimento, ao desgaste físico e mental da pessoa.

Não resolveu bem a questão, embora movido por boa intenção, porque se reveste de superficialidade. E até de hipocrisia, nos casos mais graves, quando se presta ao marketing dos que querem apenas construir uma boa imagem com a causa do idoso. Entra em contradições ainda ao pretender decretar que o período final é o melhor na vida de uma pessoa, em flagrante desconexão com a realidade, particularmente a brasileira.

Isto não quer dizer que a terceira etapa da vida não possa ser mesmo a melhor para algumas pessoas que, em condições adequadas, usufruem dos benefícios da experiência. Assim como a juventude não pode ser classificada automaticamente como a melhor fase da vida, se considerados, por exemplo, os transtornos vividos pelos adolescentes de hoje. Estes rótulos não ajudam a compreender a complexidade de cada etapa da vida de um indivíduo.

O termo “idoso institucionalizado” não implica em tantas contradições. Apenas se chama atenção para um significado implícito que possa carregar ao se tornar corrente. O “institucionalizado” parece se contrapor ao “internado” na instituição, por lembrar, talvez uma concepção superada de instituição, na figura do “asilado”, em que pessoas doentes, fisicamente e mentalmente, eram basicamente separadas do convívio social.

O problema do “institucionalizado” é que o termo toma ares de explicar inteiramente o idoso a partir do momento em que ingressa na instituição, como se ele não tivesse uma história, uma cultura pessoal, familiar e grupal, marcas que não ficam para o lado de fora do portão, quando o idoso se insere no novo ambiente.

No percurso narrativo do livro-reportagem, deve se evidenciar o esforço de tomar as informações levantadas *in loco*, no convívio frequente com os idosos e demais integrantes do Lar pelo período de um ano. Os relatos e o que se pôde observar diretamente, mesmo sem entrevistas, constituem a matéria-prima sobre a qual outras posições se sustentam.

Assim, foi possível observar que a instituição, para os idosos, tem significações diferentes, conforme o olhar de cada um. As histórias de vida, percebidas nos relatos, é que nos permitem tentar entender como eles se sentem ali. Identifica-se que parte dos idosos não conseguem compreender as mudanças culturais ocorridas na sociedade, que provocaram tantas alterações no cotidiano de suas vidas. Os modelos novos de família, em diferentes arranjos dos núcleos familiares, escapando dos tradicionais, explicam muito das condições a que estão submetidos. Seja na ordem íntima das relações ou na ordem econômica da sociedade.

Alguns idosos não conhecem os motivos reais de sua retirada do convívio familiar, fator que dificulta a adaptação deles na instituição. Em certos casos esta falta de consciência é compreensível devido às condições de saúde precárias, implicando até em quadros de demência. Nas demais situações, entretanto, é o esquecimento das famílias, após o internamento, que provoca neles os sentimentos de abandono e de solidão, tornando a estadia dolorosa. Rejeitam-na por não contarem com o apoio dos familiares e de parte da sociedade.

Quando questionados sobre a afetividade familiar, esse sofrimento se materializa em suas expressões. As respostas são diversas, mas o assunto família sempre os deixa pensativos. A reação seja, quem sabe, pelo fato exatamente de serem de época diferente da dos seus fi-

lhos, quando os padrões familiares se assentavam em outros tipos de relações. A perspectiva e o ato da institucionalização transformam o indivíduo. Segundo alguns internados, a instituição não é lugar para ninguém, outros, porém, se dizem felizes lá, “vivendo assim, como se tivessem no céu”.

A tarefa de cuidar do idoso não é nada simples. Requer comprometimento, exige presença diária, o que acaba sendo o grande problema. É desafio imenso interná-lo, sem comprometer suas condições físicas e psicológicas e nem desencadear neles sentimentos de hostilidade, tristeza e depressões diante da nova realidade.

A internação se reveste de grande responsabilidade. Recai basicamente sobre a instituição, pois, se houvesse um enfrentamento de todos os envolvidos, os efeitos seriam distribuídos e amenizados. Longe de casa muitos não conseguem ver a instituição como um lar, em prejuízo à convivência e à interatividade. A dificuldade principal é o conviver entre colegas, todos nas mesmas condições, necessitando de atenção.

Tensos, eles se fecham no seu mundo, sem querer conversa, por não enxergarem, nos outros indivíduos, refúgio para seus dias solitários. O Lar da Providência enfrenta seguidos casos de depressão de idosos e a causa principal é a sensação de abandono pelos familiares. A inserção do idoso no mundo institucionalizado requer avaliar a consciência dele sob sua nova realidade. Observando estes aspectos, os profissionais da instituição buscam compreendê-lo emocionalmente para depois inseri-lo no meio.

Num contexto macro, o estado é omissivo sobre as condições da população idosa, haja vista que no Brasil não há instituição de longa permanência para idosos de caráter público. Parece não se compreender que este contingente sofreu um aumento significativo nos últimos anos, passando a solicitar um volume bem maior de tratamentos especializados.

O despreparo do sistema assistencial para o envelhecimento da população deverá ocasionar inúmeros problemas futuramente. Acrescente-se o fato de que as regras implementadas pela reforma da nova Previdência, no Brasil, tendem a aprofundar as fragilidades do sistema de saúde público. A falta de amparo social dificulta tanto o cotidiano dos idosos como das pessoas que trabalham nas instituições. Há necessidade de se compreender melhor esse universo. O despreparo para o envelhecimento vai ser cenário de muitas discussões ainda.

Apesar de o Lar da Providência não ser de caráter público, mas filantrópico, um meio termo de público e privado, ela presta um papel social importante na vida dos idosos, mesmo que com tantas dificuldades que enfrenta. O Lar não disponibiliza de certos profissionais especializados e alimenta a esperança de obter auxílio para contratá-los. Mantém-se empenhada em alcançar condições melhores para oferecer um serviço mais qualificado.

A diferença que os profissionais, voluntários e dirigentes da organização fazem na vida dos “vizinhos” é de suma relevância. Oferecem um atendimento mais humanizado tornando menos pesado o fardo de ser velho e imerso no espaço institucional.

Ficou nítido ainda que aqueles idosos visitados e amados, mesmo que por terceiros, demonstram estar menos fragilizados emocionalmente. A assistente social, Claudia Fernandes Santos, foi contundente em sua manifestação. Ela entende como familiares chegam, deixam seus velhos na instituição, viram as costas e não voltam mais. Algumas até voltam uma vez por ano, como desengano de consciência, mas o cuidado ao idoso não é assim esporádico. Exige carinho e atenção todos os dias. No fundo, o problema para os idosos não é ficarem na instituição. É o abandono pelas suas pessoas queridas.

Mas, o processo do envelhecimento, repleto de desencontros oriundos das mais diferentes vertentes, vai além de questões familiares. Remete a patologias individuais e grupais e chegam às estruturas políticas, econômicas e sociais. O conjunto sofre, na raiz, de um grande mal, a incapacidade de se sensibilizar com a dor do outro.

Como se fazer representado em uma sociedade que valoriza o ideal da juventude e cria estereótipos que desvalorizam o “velho”, ao tratá-lo no patamar de objeto? O envelhecimento não pode ser reduzido a um processo de perda de capacidades. Quem nunca presenciou situação em que o idoso é desrespeitado ou seus direitos são questionados? Este comportamento é o oposto da necessária socialização.

A construção de uma sociedade comprometida em permitir a inclusão do idoso, nas

atividades diárias, desconfiguraria paradigmas preconceituosos recorrentes na sociedade em geral e, inclusive, entre os próprios idosos. Institucionalizado, ou não, o velho incorporou sabedorias em seu saber a serem repassada às novas gerações.

Como assinalado, se observada a situação atual do país, não é difícil imaginar que os futuros idosos terão que enfrentar muitos obstáculos na sua tão sonhada aposentadoria. Os tempos serão difíceis para o grupo social acima de sessenta anos.

Enquanto não houver, no Brasil, políticas públicas eficazes voltadas aos idosos, seria razoável conceder mais apoio a instituições filantrópicas comprovadamente sérias, como o Lar da Previdência, a fim de amenizar as situações do momento, a começar pelas condições adequadas aos profissionais que cuidam diariamente de pessoas em situação tão fragilizada.

O Estatuto do Idoso é um documento fundamental, mas seus preceitos se deparam com uma realidade distanciada. Se houver políticas públicas fortes, especialmente na área da prevenção, o país promoverá uma economia significativa de recursos na cura de doenças e em estruturas hospitalares. O ganho virá no campo econômico e na dimensão humana. Traria embutida outra virtude. A atitude de compaixão e de solidariedade que torna o indivíduo mais humano, ao reconhecer que é limitado e que uns precisam dos outros, mesmo não se desejando ou se admitindo. Ao longo da vida, coleciona-se aprendizados para a biografia, mas é na velhice que acontecem as reflexões mais profundas sobre as experiências. Assim considerando, as sociedades deveriam valorizar mais os seus idosos, porque estariam potencializando conhecimentos amadurecidos, trazendo-os para a vida social e não descartando-os, numa prova de ignorância.

Quanto ao amanhã distante, não se tem a capacidade de prevê-lo. Se houvesse tal possibilidade, muitos mudariam seus hábitos, para que o processo do envelhecimento, tão natural, pesasse menos na sua vida e na dos outros. Mas luta contra a desvalorização do ser humano na terceira idade é primordial para contraposições objetivas e subjetivas às crenças preconceituosas de que o idoso perdeu a importância social, por ser apenas uma juventude que já se foi. Os discursos da beleza física, repercutidos pela grande mídia consumista, deveriam, cada vez menos, encontrar ressonâncias nos corações.

A finalização do livro-reportagem coincidiu com o auge da Pandemia do Covid-19, crise mundial nos sistemas de saúde e de economia, capaz de colocar em xeque conceitos imperiais consagrados e de solicitar novos paradigmáticos. Em meio ao cenário catastrófico, uma voz tem se levantado, impregnada de legitimidade. É a do Papa Francisco, posicionado sempre na defesa da vida, a ser valorizada e construída objetivamente não somente pela fé, mas igualmente por atos humanos no campo político.

Cita-se o Papa, sem a intenção de privilegiar uma igreja ou visão religiosa, até porque o pontífice se mostra adepto do ecumenismo, o encontro fraterno de diferentes religiões. Para valorizar, porém, o sentido da espiritualidade, presente até nas posições de agnósticos e ateus. Nessa relação de espírito, corpo e mundo, Francisco lançou a encíclica “Laudato Si”, sobre o cuidado da casa comum, onde questiona os sistemas que destroem o equilíbrio natural da Terra.

Suas críticas assumem diferentes dimensões, porém, aqui, salienta-se as que se referem ao trabalho. Classifica-o como caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal. Afirma, pensando nos homens de todas as classes sociais, mas nos mais humildes de modo especial, que [...] O verdadeiro objectivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho (p.99).

Numa cobrança a cada um e particularmente aos que assumem funções representativas, declara que o amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, [...] é também civil e político, manifestando-se em todas as acções que procuram construir um mundo melhor (p.173).

Trata-se de um discurso contra a concepção mecânica do mundo, em que o velho constitui peça desgastada a ser simplesmente substituída. Não considera razoável ter a produção e o lucro, não como meios, mas como orientadoras das finalidades da vida. Uma distorção naturalizada e geradora de desigualdades sociais.

É sabido que o mundo ideal não existe, mas pensamos que um sentido de complementaridade, para orientar as relações entre as pessoas, produziria um ambiente de potencializa-

ção de todos. Propiciaria troca de experiências simbólicas, objetivas e subjetivas, respeitando os pontos frágeis do idoso, com solidariedade, e enxergando a força dos seus valores. Traz o pressuposto de que todos possuem algo para oferecer, inclusive os velhos, como o que vivem suas esperanças no Lar da Providência.

O livro-reportagem “Idoso, família e instituição: olhares e perspectivas de vida no Lar da Providência” propôs-se como um exercício eminentemente jornalístico, sustentado nos princípios éticos e técnicos da área do conhecimento e da atividade profissional. Adotou a entrevista como recurso primordial de levantamento das informações, observou os critérios da relevância e diversidade das fontes, tomou cuidados no processo de fazer perguntas e ouvir as respostas, preocupou-se com a linguagem e a estrutura do texto. Enfim, constituiu uma ação jornalística.

O percurso da reportagem, seguiu os gêneros mais tradicionais do jornalismo, ou seja, os de caráter informativo, interpretativo e opinativo, distribuídos pelas diferentes passagens de sua narrativa. Sempre em mente os princípios fundamentais de pautar assunto de elevado interesse público, mesmo que, em dadas circunstâncias, se justifique ingressar na particularidade da vida das pessoas, mas extraíndo daí o valor compartilhado para a vida social, sem deslizar para as distorções da fofoca e do sensacionalismo.

Acredita-se que, assim, o jornalismo pode reivindicar sua condição de caminho singular de conhecimento do mundo, entre outros caminhos possíveis como a ciência e a arte. Sabemos que o jornalismo, mesmo oferecendo técnicas e linguagens pertinentes, pode se desviar dos seus princípios e realizar um mau trabalho, em contradição com o seu discurso. O bom jornalismo, ao contrário, além de usar bem as técnicas da linguagem e do formato, não se desprende dos fundamentos que o constituem, comprometidos com o discernimento e a função de oferecer uma orientação informativa séria à sociedade.

Em tempos de “fake News”, o bom jornalismo teria possibilidade de contribuir para um equilíbrio das formas de comunicação midiáticas e sociais. É razoável se pensar na linha de um “Jornalismo Sociológico”, cujo conceito pretende acentuar que o núcleo do jornalismo se relaciona à realidade social e à narrativa mais fidedigna possível, procurando revelar os meandros dos fatos, onde se encontram implicados diferentes grupos e os respectivos interesses.

O livro-reportagem, um dos formatos do jornalismo, mostra-se adequado para apurações extensas, em contatos e observações que requerem mais tempo. Assim ocorreu nesta produção. Envolveu um período de dozes meses de levantamento de dados, nas frequentes visitas realizadas pelas repórteres ao Lar da Providência e a outros pontos solicitados pelos desdobramentos.

O Jornalismo Literário dialoga perfeitamente com o formato do livro-reportagem, porque se desenvolve em linguagem apropriada ao alongamento dos relatos e de uso de palavras e expressões que remetem ao sensível, em estratégias linguísticas pouco usuais no cotidiano das redações.

Mas, observe-se que o Jornalismo Literário que compreendemos se instaura no terreno do jornalismo, sem transgredi-lo, o que significa que o limite não o permite se lançar ao âmbito da pura imaginação. Se não, estaria trocando de campo do conhecimento, saindo do jornalismo e deslocando para a literatura.

O Jornalismo Literário, portanto, requer informação apurada, a partir da qual pode exercitar, com legitimidade, os gêneros da interpretação e da opinião. Sem informação apurada, não tem conversa. Não dá para interpretar ou opinar.

Considerações Finais

Nesta obra, as repórteres procuraram não perder de vista os compromissos de apurar bem os fatos, como condição para interpretar e opinar, ao narrarem questões relativas ao idoso numa instituição de longa permanência. Posicionam-se, assim, numa linha de convergência com os princípios jornalísticos. E se habilitam a oferecer uma contribuição nesses tempos de paradoxos midiáticos em que informação e desinformação se entrecruzam de modo perturbador.

As novas tecnologias da informação parecem ter esfriado as relações das pessoas, con-

tribuindo mais para desumanizar o mundo, embora, por outro lado, tenham viabilizado o contato enriquecedor entre pessoas que se encontram geograficamente muito distantes.

No desenvolvimento da narrativa e da sua temática, o livro-reportagem propiciou um ingresso no debate sobre a condição do ser humano, num ponto crucial em que se desnuda os limites da existência, lugar de fronteira entre vida e morte. O idoso, no Lar da Providência, via de regra, se encontra nesse limbo. Somente transformações de conceitos, preconceitos e estruturas podem lhes dar perspectivas de futuro melhor.

O debate remete à “condição do ser humano”, mas se especifica na “condição do idoso”. Porém, como isso tem reflexos nas esferas econômica, política e social, pode-se dizer que discute também a “condição da riqueza socialmente produzida” e a “condição do poder” que a determina. Nas mudanças de paradigmas, em tempos de Covid-19, identificamos, então a “fragilidade da condição”.

Nestes termos, esta experiência de produção midiática, propõe alternativas de nomenclatura para a dita “Melhor Idade”, ao enveredar pelos significados de “Dign(idade)”, “San(idade)”, “Complementar(idade)” em contraponto às ideias excludentes de “Superior(idade) e de “Inferior(idade)”.

O maior mérito do trabalho foi buscar os acontecimentos lá nas suas origens, seguindo o fundamento tradicional do jornalismo do “pé na estrada”, para ver de perto. Houve um simbolismo todo especial. A narrativa se deu entre duas festas, as edições de 2018 e 2019 da campanha “Adote um Idoso” do Lar da Providência.

Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2018.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CARTA ENCÍCLICA *LAUDATO SI'* DO PAPA FRANCISCO. **Sobre o cuidado da casa comum**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

LAHUD, Altair. **Terceira Idade: Ideologia, cultura, amor e morte**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes; ZABAGLIA, Rosângela Alcântara (Orgs.): **A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e estatuto do idoso**. São Paulo: Ed. Idéias & Letras, 2004.

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aceito em 20 de julho de 2020.